

AS EXPECTATIVAS DO EMPREENDEDORISMO NO BRASIL: UMA ANÁLISE SOBRE OS SABERES E PRÁTICAS DO EMPREENDER

THE EXPECTATIONS OF ENTREPRENEURSHIP IN BRAZIL: AN ANALYSIS OF JOB KNOWLEDGE AND PRACTICE

Renato Koch Colomby*
Jefferson Frigo Teixeira**
Julice Salvagni***

RESUMO

Com a lógica excludente do mercado capitalista, o empreendedorismo torna-se, muitas vezes, a única opção de sobrevivência para determinado grupo de pessoas. Contudo, uma grande parte destes empreendedores não estão preparados para administrar seu empreendimento. Um reflexo disto, de acordo com o Sebrae, é a extinção precoce de micro e pequenas empresas ainda nos anos iniciais. Entretanto, existem práticas pedagógicas voltadas para o desenvolvimento de características presentes em empreendedores, que deveriam ser adotados ainda no ensino fundamental. Acredita-se que tais práticas são capazes de fomentar na pessoa um senso crítico, investigativo e uma maior propensão ao risco calculado, tornando, assim, o indivíduo mais familiarizado com o mundo empreendedor. Nesse sentido, o objetivo principal deste estudo é analisar a forma como os saberes associados ao trabalho pelas práticas empreendedoras interferem no desenvolvimento individual voltados ao empreendedorismo e a inovação. Para tanto, esta pesquisa adotou o método qualitativo exploratório, com entrevistas aplicadas em profundidade com jovens que já participaram do Programa Miniempresa da Junior Achievement no Brasil. Divididos em duas amostras por faixa etária, os participantes relataram seus entendimentos sobre empreendedorismo, práticas pedagógicas e educação empreendedora. Os resultados obtidos revelam as expectativas em relação ao empreendedorismo no país e sobre os saberes adquiridos por tais práticas. Por fim, sugere-se, então, alterações ou implementações em programas atualmente existentes.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Práticas Empreendedoras. Pedagogia Empreendedora. Coletividade.

ABSTRACT

With the exclusionary logic of the capitalist market, entrepreneurship is often the only survival option for a particular group of people. However, a large part of these entrepreneurs are not prepared to run their enterprise. A reflection of this, according to the Sebrae, is the early extinction of micro and small enterprises in the early years. However, there are pedagogical practices focused on the development of characteristics present in entrepreneurs, which should be adopted even in elementary school. It is believed that such practices are capable of fostering in the person a critical, investigative

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul. renato.colomby@ufrgs.br

** UniRitter Laureate International Universities. jefferson.frigo@hotmail.com

*** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. julice.salvagni@ufrgs.br

sense and a greater penchant for calculated risk, thus making the individual more familiar with the entrepreneurial world. In this sense, the main objective of this study is to analyze how the knowledge associated to work by entrepreneurial practices interfere in individual development focused on entrepreneurship and innovation. To do so, this research adopted the exploratory qualitative method, with in-depth interviews with young people who have already participated in the Junior Achievement Mini-Company Program in Brazil. Divided into two samples by age group, the participants reported their understandings on entrepreneurship, pedagogical practices and entrepreneurial education. The results show the expectations regarding entrepreneurship in the country and the knowledge acquired by such practices. Finally, it is suggested, then, changes or implementations in existing programs.

Keywords: Entrepreneurship. Entrepreneurial Practices. Entrepreneurial Pedagogy. Collectivity.

Introdução

Diante da complexa criação da personificação jurídica no país, percebe-se a necessidade de se analisar constantemente o empreendedorismo como um fenômeno dinâmico e de real importância para a sociedade. Não obstante, é relevante que se investigue as motivações de diferentes pessoas para o ingresso nesse universo. Tentando corroborar a ideia de que caso o profissional tenha, desde cedo, contato com práticas pedagógicas empreendedoras, isso faz com que ele se torne mais preparado para o mercado de trabalho, este estudo sustenta-se em um referencial teórico composto por, principalmente, Dolabela (2008), Lopes (2010) e Tiriba (2007).

De acordo com o relatório *Global Entrepreneurship Monitor 2015*¹ (GEM, 2016), o Brasil possui uma taxa total de empreendedorismo de 39,3%. Conforme o mesmo relatório, grande parte deste índice são empreendedores por necessidade, ou seja, a pessoa é obrigada a empreender por falta de opção no mercado de trabalho. Já os empreendedores por oportunidade optam por iniciar um novo negócio, mesmo quando possuem alternativas de emprego. Para que surjam mais empreendedores por oportunidades, acredita-se que o empreendedorismo deve romper as fronteiras do mundo empresarial, de espaços alternativos que fomentem a iniciativa da autonomia do negócio próprio.

Assim, autores defendem que a postura empreendedora deve ser incorporada pelo conjunto da população e ensinada na escola. Souza (2012, p. 88), alerta que “o investimento na educação do indivíduo tem retorno para ele próprio, como melhores

¹ O projeto GEM tem como objetivo compreender o papel do empreendedorismo no desenvolvimento econômico e social dos países. O GEM 2016, utiliza os dados do ano de 2015.

possibilidades de emprego e remunerações melhores”. Neste sentido, “toda a população de um país que tiver uma cultura empreendedora, haverá melhorias no desenvolvimento socioeconômico” (SOUZA 2012, p. 86). Não obstante, Dolabela (2008), destaca que o crescimento econômico é a consequência do grau de empreendedorismo de uma comunidade. Portanto, percebe-se a importância do desenvolvimento social coletivo e da criação de uma cultura empreendedora para a sociedade, fortalecendo oportunidades de trabalho alternativas à resignação de depender dos empregos precarizados ou marcados por práticas hostis de gestão.

Dolabela e Fillion (2013, p. 151), explicam que “as práticas empreendedoras devem contribuir para a qualidade de vida da sociedade, e gerar mais do que atividade econômica e lucro individual”. Ou seja, os saberes aprendidos e compartilhados com as práticas empreendedoras, não devem privilegiar benefícios individuais, mas toda uma coletividade. Tal aspecto vem a fomentar as práticas associadas a outra economia, que permitam a ação de trabalhadores em um nível de amadurecido voltado para a autogestão plena, o que é diferente do desenvolvimento à nível do trabalho assalariados, cujos padrões de liderança pensados pelas organizações capitalistas como inatos são inatingíveis (SCHOLZ; VERONESE, 2007).

Tiriba (2007) critica a estrutura do mercado de trabalho, no qual acarretam o desemprego e o aumento da pobreza na forma de trabalhadores assalariados. Como contraponto, o empreendedor por oportunidade poderia contribuir enquanto contraponto às lacunas existentes no mercado de trabalho. Lopes (2010), acredita que o empreendedor por oportunidade é mais bem-sucedido, pois usa seus conhecimentos para suprir demandas carentes. De acordo com o relatório GEM (2016), em países menos desenvolvidos, o número de empreendedores por necessidade é maior que os empreendedores por oportunidades. Já em países tidos como desenvolvidos, este dado se inverte. O Brasil tem mais empreendedores por necessidade do que por oportunidade (GEM, 2016).

Pensando em estimular as experiências ou práticas precoces voltadas para o empreendedorismo e inovação, iniciativas focam na construção dos saberes voltados para o crescimento coletivo e desenvolvimento local. Um agente contribuinte para tal é a Junior Achievement, que, com seu trabalho voltado para jovens na escola, tenta ensinar para o aluno como funciona o mundo empreendedor. A Junior Achievement alcança mais de 10 milhões de jovens por todo o mundo em cada ano e está presente em cerca de 120

países, nos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal, tornando a referência para o objeto de estudo dessa pesquisa.

Assim, objetivo principal deste estudo é analisar a forma como os saberes associados ao trabalho pelas práticas empreendedoras interferem no desenvolvimento individual voltados ao empreendedorismo e a inovação. Sendo assim, buscando a compreensão de fenômenos sociais, foi adotada uma pesquisa qualitativa exploratória tendo como coleta de dados entrevistas individuais de ex-participantes do programa Miniempresa da Junior Achievement no Brasil, analisados pela análise de conteúdo.

Além da presente introdução, esse artigo consta com as seguintes seções: referencial teórico, procedimentos metodológicos, análise de dados e considerações finais.

1 Referencial Teórico

1.1 Empreendedorismo e Inovação

A palavra empreendedorismo vem da simples tradução da expressão *entrepreneurship*, que é utilizado para designar os estudos relativos ao empreendedor, seu perfil, seu sistema de atividade e seu universo de atuação (DOLABELA, 2008). Mas a origem, de fato, da “expressão empreendedorismo origina-se de *entrepreneur*, palavra francesa usada no século XII que designava brigas” (DOLABELA, 2008, p. 65). De acordo com o mesmo autor, foi somente no século XVIII que passou a indicar a pessoa que criava e conduzia projetos ou empreendimentos, com a finalidade de auferir lucro.

Segundo Bittar, Bastos e Moreira (2014), o termo empreendedorismo foi introduzido no aspecto econômico através de dois personagens: Richard Catillón (1755) e Jean-Baptiste Say (1880). Não obstante, nos últimos anos, vem ganhando mais dimensão e importância, é o termo intraempreendedorismo ou empreendedorismo corporativo. De acordo com De Paula e De Almeida (2015), intraempreendedorismo é quando o sujeito possui competências e atitudes empreendedoras e as usa em seu emprego.

Questiona-se se realmente é possível, o indivíduo, aprender empreendedorismo, mas, de acordo com Dolabela (2003), pode-se ensiná-lo na escola e ser trabalhado desde as séries iniciais, assim como faz a Associação Junior Achievement. Deste modo, Dolabela (2008), alerta que o empreendedorismo não pode ser encarado apenas como uma disciplina curricular, deve-se disseminar a cultura empreendedora na sociedade e

vivenciá-la. Afinal, muito mais do que uma questão de acúmulo de conhecimento, o empreendedorismo está ligado ao desenvolvimento de competências ligadas à inovação e à tomada de decisão (DOLABELA, 2008).

Sabe-se, também, que o empreendedor é influenciado pelo seu ambiente e pelas suas experiências. Daí a necessidade de se criar um meio favorável à criatividade, liderança, tolerância a riscos, imaginação, tolerância à incerteza, protagonismo e comprometimento (DOLABELA, 2008). Para tanto, a escola pode ser um melhor local para fomentar tais práticas, aprimorar a cultura empreendedora e mensurar seus resultados, sobretudo no ensino fundamental. Contudo, cabe destacar que o acompanhamento de uma prática não pode se dar em separado da teoria. Isso reforça, e não exclui, a necessidade das disciplinas de ciências como base interlocutora fundamental de tais ações pedagógicas.

Ademais, o empreendedorismo está fortemente ligado à inovação e, por isso, fica difícil não associar estes dois conceitos muito menos apresentá-los de maneira isolada. Por inovação podemos entender a capacidade de pessoas ou organizações criarem produtos ou serviços e de torná-los uma tendência (SERTEK, 2012). Ou seja, a inovação somente acontece quando existe aceitação de mercado para tal produto ou serviços. Para tanto, deve-se potencializar o talento criativo do indivíduo, a fim de canalizá-lo em oportunidades de negócio e na geração de riqueza. Sertek (2012, p. 93), exalta que “o empreendedor tem uma missão bem definida, que é de converter as necessidades de tipo social em oportunidades para gerar serviços e produtos que criem riqueza, isto é, que agreguem valor à sociedade”. Para exemplificar, destaca-se um estudo que sustenta a relação da inovação como propulsora de ações colaborativas voltadas do fomento do turismo na Região Uva e Vinho do Rio Grande do Sul (SALVAGNI; VLADUGA; NODARI, 2016).

Entretanto, inovação não é apenas criar aberturas para novos mercados, mas, também, é a criação de novos métodos para mercados já estabelecidos e maduros (TIDD; BESSANT, 2015), o que distancia a associação inevitável da inovação com empresas de alta tecnologia. De acordo com Tidd e Bessant (2015), a inovação pode estar presente a qualquer tipo de organização. O que determinará se uma empresa é inovadora ou não são os métodos aplicados em sua rotina e a qualidade do trabalho no sentido das características empreendedoras individuais usadas no contexto organizacional (NETO *et. al.* 2014).

1.2 Pedagogia Empreendedora: propostas e limites

Influenciado pelas ideias de Schumpeter e Say, Dolabela (2003) apresenta a teoria empreendedora dos sonhos como uma alternativa de catalisar o espírito empreendedor presente no indivíduo, através de seus desejos e emoções, vinculada intimamente com os preceitos neoliberais. Para tanto, o autor acredita que, de acordo com esta metodologia, o aluno desenvolve a capacidade de autorrealização, tornando-o mais investigativo e crítico, a fim de buscar seus objetivos de forma mais efetiva e concreta (DOLABELA, 2003). Assim, o aluno, no início do ano letivo, é convidado a compartilhar seu sonho para os demais participantes e durante todo ano trabalhará para o desenvolvimento de mecanismos para a realização deste “sonho”.

Nesta perspectiva, diz-se que o mais importante não é o resultado do projeto, mas do aprendizado e a maneira de condução da prática, dado não excluir a chance de transformar está em uma ação traumática, que venha a desencorajar os participantes ao empreendedorismo. Supondo que atinja o seu objetivo, a escola empreendedora enfatiza o desenvolvimento de: intuição, julgamento, sabedoria, experiência e critério (MINTZBERGER, AHLSTRAND; LAMPEL, 2000). Logo ao educador “não bastará apenas conhecer a pedagogia empreendedora, mas utilizar instrumentos didáticos adequados às peculiaridades e aos modos próprios de ser educador” (OLIVEIRA, 2010, p. 56). Não obstante, Oliveira (2010, p. 56), pensando no desenvolvimento organizacional, acrescenta que:

[...] uma gestão empreendedora necessita organizar uma proposta pedagógica comprometida com o empreendedorismo e treinar os educadores para uma adoção de estratégias que favoreçam posturas como: autoestima, iniciativa, autoavaliação, ética, criatividade, cidadania, liderança, diálogo, participação, desenvolvimento do projeto, resolução de problemas, boa utilização da informação e de recursos, inovação e pioneirismo (OLIVEIRA, 2010, p. 56).

Porém, ao pensar na aplicação deste modelo às escolas tradicionais, por exemplo, apesar de os projetos acontecerem pela via de atividade extraclasse, estes são dirigidas por um grupo externo de gestores, cujo próprio desenvolvimento em práticas pedagógicas pode não estar presente. Sendo assim, deve-se atentar para diversas nuances das condutas dos instrutores, especialmente no trato com crianças e adolescentes. Deve-se atentar, por exemplo, na tênue relação que o empreendedorismo estabelece, de um lado, com as perspectivas de geração autônoma de renda e autogestionária e, de outro, com a

sustentação de uma racionalidade do *homo economicus*: individualista, ambiciosa e direcionada à maximização dos lucros.

Uma das principais ferramentas da pedagogia empreendedora é a “Oficina do Empreendedor”, também criação do professor Dolabela, cujo os objetivos são de incentivar alunos, a partir do ensino fundamental até o ensino médio, a adentrar ao mundo empreendedor, através, também, da “teoria dos sonhos”. Para tal, cria-se todo um ambiente favorável e acolhedor para o aluno, capaz de motivá-lo e de ser um disseminador desta cultura (DOLABELA, 2003). Nada obstante, o objetivo é de desenvolver indivíduos mais proativos e tolerantes a riscos calculados (DOLABELA, 2008). Essa premissa pode ser perigosa no sentido de gerar um ambiente ainda mais individualista e competitivo, apesar dos autores ressaltarem que para que o objetivo seja alcançado, os “sonhos” dos participantes devem gerar benefícios coletivos e agregar valor para a comunidade local. Segundo eles não são contemplados interesses e enriquecimento individuais, pois não faz sentido, sob o ponto de vista do autor, manifestar este tipo de comportamento. Nesse sentido, Oliveira (2010), relembra dos desafios de aplicar tais propostas em prol da comunidade, pois o país é composto por uma “sociedade heterogênea, marcada positivamente pela diversidade cultural, mas negativamente pelas diferenças imensas de renda, poder e conhecimento” (OLIVEIRA, 2010, p. 58). Ou seja, deve-se levar em considerações aspectos sociais, culturais e regionais.

Tanto a “teoria dos sonhos”, quanto a “oficina do empreendedor”, devem ser aplicados de maneira adequada e respeitando as singularidades de cada caso. De acordo com Dolabela (2003), a Pedagogia Empreendedora adota uma linguagem clara e simples na aplicação de seus conteúdos e utiliza tal forma de se expressar para uma melhor absorção para quem a recebe e um maior alcance a todos de maneira democrática.

Como um dos objetivos da Pedagogia Empreendedora é de estimular o empreendedorismo local fomentado o desenvolvimento regional de maneira coletiva, pode-se relacionar-se a Pedagogia Empreendedora e os saberes adquiridos com a sua filosofia com o trabalho associado, apesar de haver um vasto distanciamento teórico entre ambos conceitos. Para tanto, os conhecimentos adquiridos com tais metodologias de ensino sobre o empreendedorismo acima descritos serão balizados pela teórica do trabalho associado e os saberes do trabalho, cunhada em uma base conceitual humanística social.

1.3 Trabalho associado e Saberes do trabalho

Com o aprofundamento da crise do trabalho no final dos anos 80, principalmente na América Latina, a modernização da produção, mercados heterogêneos e um Estado mínimo e incapaz de suprir uma demanda social com políticas públicas (TIRIBA, 2007), surge, neste cenário, as ações da outra economia. Talvez este fenômeno seja uma forma de empreendedorismo que mais faz sentido para a sociedade, porque estimula o crescimento coletivo, trabalho em equipe e o excedente de lucro não se restringe a um único sujeito. De fato, sabe-se que a lógica excludente do mercado capitalista contribuiu, também, para o crescimento desta prática (TIRIBA, 2007). Trata-se da defesa de uma economia justa e igualitária, no qual os retornos são satisfatórios, pois todos fazem parte do processo e os recursos financeiros são partilhados entre os colaboradores, de maneira equitativa e sem privilégios.

O trabalho associado se fortaleceu na Europa com o fechamento de fábricas no final dos anos 70 e início dos anos 80. Trabalhadores, à beira do desemprego, uniram-se e assumiram o controle de fábricas falidas, na tentativa de salvá-la e de manter seus empregos (TIRIBA, 2007). De acordo com o mesmo autor, as características do trabalho associado estão relacionados com o empreendedorismo, transformando trabalhadores de chão de fábrica em donos de empresa e não só conseguiram manter as fábricas funcionando, mas também, desenvolveram a cultura de empreendedorismo na coletividade.

Tanto Dolabela quanto Tiriba, destacam a importância que têm o empreendedorismo e do trabalho associado para o desenvolvimento social de uma comunidade. Sendo assim, Tiriba (2007), corrobora que “é preciso descortinar a singularidade e particularidade da unidade econômica, assim como a totalidade de seu bairro, de seu território mais amplo de trabalho”. Já Dolabela (2008), o empreendedorismo só faz sentido se há geração de valor para a comunidade local. Nota-se, que ambos autores, evidenciam o desenvolvimento local comunitário através do trabalho associados e do empreendedorismo. Assim, vislumbra-se um processo educativo que “tem como ponto de partida a ação-reflexão-ação e a sistematização do cotidiano do trabalho e da vida, tendo como ponto de chegada a busca de novos valores e práticas que permitam transformar permanentemente as relações de convivência na comunidade onde a organização econômica se localiza” (TIRIBA, 2007, p. 95).

Os conhecimentos criados nos ambientes de trabalhos através das relações interpessoais e dos processos operacionais são forte contribuinte para uma cultura associativa de geração de renda, sobretudo, se estes conhecimentos estiverem alinhados com o desenvolvimento local e o trabalho colaborativo. De tal modo que:

[...] um processo prático-educativo de criação de novas concepções de mundo, a produção associada é uma escola que pode contribuir não apenas para driblar o desemprego e outras contradições entre capital e trabalho, mas para que a classe trabalhadora descubra que o capitalismo não é apenas um sistema inexorável (TIRIBA, 2008, p. 91).

Neste sentido, o saber do trabalho associado pode gerar riqueza, não apenas monetária, mas também social. Para tanto, Tiriba (2007) salienta a sugestão aos educadores para a disseminação de tais práticas educativas empreendedoras, sistematizando um saber popular e construindo, junto com os trabalhadores, uma pedagogia da produção associativa. Nada obstante, deve-se aprender com seu cotidiano e como os trabalhadores vêm administrando seus empreendimentos. Não se trata apenas de mostrar todos os caminhos, mas de apresentar novas possibilidades e de repensar a maneira de ensinar, levando o conhecimento para fora da sala de aula. Não obstante, Tiriba (2007, p. 95) complementa que deve-se “ampliar os espaços educativos que promovam novos saberes e novas práticas sociais”, estimulando novas práticas que carreguem consigo outros conhecimentos e, portanto, a criação de uma nova cultura produtiva e colaborativa. Articulando os saberes adquiridos no trabalho com as práticas pedagógicas empreendedoras, estima-se que haja condições de subsidiar futuros debates que fomentem a criação de novos empreendimentos, como forma de alternativa de enfrentamento do desemprego e a miséria.

1.4 Práticas Pedagógicas Empreendedoras

Flores et al. (2008), exemplificam, como práticas pedagógicas empreendedoras, os planos de negócios, simulação de negócios existentes, jogos, desenvolvimento de empresas ou produtos virtuais ou reais, visitas a empresas e empreendedores e estudos de caso.

Na cidade de São José dos Campos em São Paulo, por exemplo, foi criado um Centro de Educação Empreendedora e o Programa Profissional do Futuro: estes centros tem a missão de coordenar, implementar e sistematizar todas as atividades desenvolvidas nas escolas e na sociedade. Ou seja, a educação empreendedora não se limita apenas na

escola, esta cultura é disseminada para a sociedade. O centro mensura os resultados das práticas e promove melhorias no seu processo de aprendizado. Os objetivos principais deste programa são de envolver e conscientizar os jovens dos desafios e das deficiências que enfrenta o município e de criar uma geração mais crítica sob o ponto de vista social e empreendedor (LOPES, 2010).

Ainda nessa cidade ocorre anualmente a Feira do Jovem Empreendedor Joseense em que estudantes podem expor suas ideias para a sociedade. Esta feira atualmente conta com mais de 700 alunos, 600 projetos e 65 escolas das redes públicas e privadas. O resultado deste projeto foi a criação do Laboratório do Jovem Empreendedor (Lajoe) (LOPES, 2010).

Uma outra ferramenta para o incentivo empreendedor nos jovens são os jogos de negócios. Também chamados de *business games*, esses jogos são ferramentas educacionais com características de simuladores reais de situações empresariais simplificadas para promover a aprendizagem através da experiência (D'IPOLITTO, 2012). Entre as vantagens desses jogos está o dinamismo e a interatividade na união de teoria e prática, o favorecimento da aprendizagem experiencial e o fortalecimento de competências como trabalho em equipe e tomada de decisão (D'IPOLITTO, 2012).

Henrique e Cunha (2008) destacam a importância de práticas pedagógicas que incitem a ação do aluno como plano de negócios, simulação de negócios, jogos, desenvolvimento de empresas ou produtos, visitas a empresas e o diálogo com empreendedores.

Saindo do ambiente escolar e ingressando no âmbito acadêmico, o Instituto Babson College é uma escola de administração fundada em 1903 no estado americano Massachusetts. Desde sua fundação o Instituto Babson sempre se destacou entre as escolas de negócio e hoje é referência, naquele país, na formação de executivos voltados para o empreendedorismo. O que o diferenciou, desde o início, foi a metodologia que construiu um ambiente acadêmico idêntico aos escritórios da época. Levando em consideração as características empresariais e aspectos práticos de gestão (GUIMARÃES, 2002). No Instituto, já no primeiro ano, um grupo de alunos deverá constituir uma empresa de verdade. No final do exercício, esta empresa deverá ser encerrada e após seu encerramento será analisado o resultado do balanço. O capital inicial é devolvido para o Instituto e na hipótese de prejuízo, o Babson College arca com a diferença, caso auferir-se lucro, este excedente será doado para instituições beneficentes locais.

Percebe-se que desde o início da vivência acadêmica do aluno, o Instituto Babson, já promove atividades empresariais na prática com a constituição da sociedade jurídica e no desenvolvimento de todo o ano da empresa. Além desta prática, os alunos do Instituto Babson devem se matricular em disciplinas consideradas de cunho artísticos, como por exemplo teatro ou música. Segundo o Instituto, estas disciplinas provavelmente desenvolvem um profissional com mais desenvoltura e mais bem-sucedido (GUIMARÃES, 2002).

A Junior Achievement, por sua vez, presente em mais de cem países, é um dos casos ilustrativos da implementação de um processo de ensino-aprendizagem orientado para a promoção do espírito empreendedor. Os seus objetivos consagram-se no desenvolvimento da criatividade e do sentido de iniciativa através de uma abordagem transdisciplinar (CHAVES, PARENTE, 2011). Através da prática pedagógica do “aprender fazendo” essa reconhecida instituição trabalha a atitude empreendedora, a preparação para o mercado de trabalho e a educação financeira desde os anos iniciais do processo educacional e utiliza de diferentes como jogos empresariais virtuais ou reais (SARKAR, 2007). Um dos seus principais programas é o Miniempresa que proporciona aos alunos do ensino médio uma experiência prática em negócios através da organização e da operação de uma empresa (JABRASIL, 2018).

Não se pode perder de vista ainda que a chamada Educação 4.0 que está centrada no conceito do “aprender fazendo” prioriza o autodesenvolvimento do aluno e o despertar de competências a partir da vivência das atividades. E nesse sentido a Junior Achievement mais uma vez se mostra uma referência dessas práticas em seus usos e propagação.

2 Procedimentos Metodológicos

O presente estudo foi produzido a partir de uma pesquisa qualitativa exploratória com análise de conteúdo de entrevistas. A análise de conteúdo “é uma técnica de pesquisa que trabalha com a palavra, permitindo de forma prática e objetiva produzir inferências do conteúdo da comunicação de um texto replicáveis ao seu contexto social” (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p. 682). As razões para a escolha desse modelo de pesquisa se deram em função da profundidade nos resultados obtidos e dos dados interpretativos (BAUER; GASKKEL, 2002; DENZIN; LINCOLN, 2006). Para Gerhardt e Silveira (2009), os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, haja vista

que as ciências sociais têm suas especificações. Devido a sua pluralidade e complexidade nos dados obtidos, “a pesquisa qualitativa é infinitamente criativa e interpretativa” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 37).

Foram entrevistados dois grupos de ex-participantes do programa Miniempresa da Associação Junior Achievement, entre os meses de setembro e dezembro de 2016. Um grupo com participantes de idades entre 16 e 17 anos denominado de grupo A, e o outro grupo com participantes de idades entre 22 e 28 anos, denominado de grupo B. O critério de seleção foi aleatório e através de indicações dos próprios participantes do programa. Todos os entrevistados residem na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Os participantes do grupo A têm escolaridade de ensino médio completo. Já os participantes do grupo B, possuem escolaridade entre ensino superior incompleto e superior completo.

Para a coleta dos dados teve-se a prudência na elaboração de um roteiro de perguntas para fins de direcionamento da entrevista. O roteiro semiestruturado de entrevistas, abordou assuntos no tocante de práticas pedagógicas empreendedoras e os saberes do trabalho. Foram levados em considerações questionamentos sobre as práticas pedagógicas, os benefícios e as dificuldades ocasionadas de tais práticas, dificuldades na implementação do processo, os motivos que levaram os jovens a ingressar no programa e o que ficou de aprendizado com a sua participação. Utilizaram-se as mesmas perguntas para ambos os grupos. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas literalmente, afim de analisar ao máximo seu conteúdo (FLICK, 2009).

De acordo com Bauer e Gaskell (2002), o desenvolvimento das entrevistas deve conter fases que não devem ser negligenciadas, especificamente o planejamento da entrevista. Para tanto, as perguntas das entrevistas foram divididas em três categorias: empreendedorismo, saberes do trabalho e propostas pedagógicas.

Para Roesch (2009, p. 154) “a pesquisa qualitativa é apropriada para a avaliação formativa, quando se trata de melhorar a efetividade de um programa, ou plano, ou mesmo quando é o caso de proposição de planos de melhorias”. Já para Easterby-Smith et al. (1999), a pesquisa qualitativa é um dispositivo que o pesquisador utiliza para obter discernimento de que necessita sobre pessoas ou situações. Neste sentido, Bauer e Gaskell (2002) sugerem observar o modo de falar e os gestos dos entrevistados afim de extrair o máximo de conteúdo e sensações.

De acordo com Easterby-Smith *et. al* (1999), a entrevista em profundidade é a ferramenta mais fundamental em uma pesquisa qualitativa, pois examina detalhadamente opiniões e sentimentos dos entrevistados. Conforme os mesmos autores, em uma

entrevista, o entrevistador deve não apenas se deter nas respostas dos participantes, mas, também, nos gestos e na maneira de como respondem às perguntas. Para tanto, “o pesquisador deverá ser sensível e preparado o suficiente para garantir não só a compreensão das opiniões das pessoas, mas também ajudá-las a explorar suas crenças” (EASTERBY-SMITH et al., 1999, p. 74).

Para Gil (2011, p. 109), “a entrevista é a técnica que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação”. A seguir, apresenta-se o quadro demonstrativo com o perfil dos grupos entrevistados.

Quadro: 1 Perfil dos entrevistados

Grupo A			
Sexo	Idade	Escolaridade	Identificação
Feminino	16 anos	Ensino Médio Completo	A1
Feminino	18 anos	Ensino Superior Incompleto	A2
Feminino	17 anos	Ensino Médio Completo	A3
Grupo B			
Sexo	Idade	Escolaridade	Identificação
Masculino	23 anos	Ensino Superior Incompleto	B1
Feminino	28 anos	Ensino Superior Incompleto	B2
Feminino	27 anos	Ensino Superior Completo	B3

Fonte: Elaboração própria com os dados da pesquisa

De acordo com o Quadro 1, a seleção de participantes foi dividida em dois grupos, com o objetivo de diferenciar as expectativas em relação ao empreendedorismo, saberes do trabalho e pedagogia empreendedora. Teve-se a prudência de escolher uma amostra com características semelhantes, ou seja, todos foram participantes do programa Miniempresa, residem na cidade de Porto Alegre e foram ou são estudantes. Afinal, “uma amostra pequena, sistematicamente selecionada, é muito melhor do que uma grande amostra de materiais escolhidos ao acaso” (BAUER; GASKELL, 2002, p. 197). Utilizou-se para a organização de análise de conteúdo os textos recolhidos nas transcrições das entrevistas junto aos participantes (BAUER; GASKELL, 2002). Para classificação dos entrevistados, adotou-se a codificação, conforme mostrado no Quadro 1, com o objetivo de comparar os conteúdos extraídos das entrevistas e correlaciona-los com o material teórico.

3 Análise dos Dados

Nesta seção serão analisados os dados obtidos através das entrevistas, aplicadas com os ex-participantes do programa Miniempresa da Junior Achievement. Para tal, foram feitas relações com os depoimentos obtidos e o conteúdo teórico apresentado na seção 2, afim de atingir os objetivos desta pesquisa.

Quadro: 2 Conteúdo descritivo das entrevistas

	Grupo A	Grupo B
Empreendedorismo	<ul style="list-style-type: none"> - Não se consideram empreendedores. - Veem o Brasil com um ambiente não favorável para se empreender. - As principais dificuldades para empreender no Brasil são o preconceito, falta de incentivos do governo, falta de reconhecimento pela sociedade e falta de dinheiro. - Já as vantagens são a liberdade no trabalho e as pessoas criativas do nosso país. 	<ul style="list-style-type: none"> - Consideram-se pouco empreendedores, talvez não tanto como gostariam. - Veem o Brasil como um potencial enorme para se empreender, mas ainda com muitas precariedades em relação aos incentivos do governo. - Os maiores obstáculos são os recursos financeiros, falta de ideias e a complexidade formalizada para abrir uma empresa. - Já as vantagens são as oportunidades ocasionadas pelas precariedades existentes e a crise financeira.
Saberes	<ul style="list-style-type: none"> - A participação no programa ajudou-os na trajetória profissional. - Descobriram práticas até então desconhecidas por eles, aprenderam como funciona o trabalho em equipe, noções de como funciona uma empresa em sua plenitude e descobrimento de um novo rumo profissional. - O programa ajudou-os no relacionamento com as pessoas, perceberam que a rotina profissional não é tão simples e, hoje, têm noção de como funcionam os processos de produção nas empresas. - Além de todo o conhecimento adquirido, não pretendem começar um negócio nos próximos anos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Acreditam que a participação no programa não influenciou muito em suas trajetórias profissionais. - Aprenderam noções de como funciona o operacional nas empresas, gestão de preços, gestão de estoque, etc. Mas não o suficiente para transformar suas vidas. - Antes da participação do programa eram pessoas normais para a idade sem o objetivo de abrir um negócio.
Pedagogia Empreendedora	<ul style="list-style-type: none"> - Acreditam que a escola deve mudar em sua proposta pedagógica. - Além do que já existem, deve, ainda, acrescentar disciplinas extracurriculares como por exemplo: música, teatro, gestão financeira, etc. 	<ul style="list-style-type: none"> - Acreditam que a escola deve mudar sim. Não só a escola de ensino fundamental e médio, mas, também, o ensino superior. - Acham que o ensino, no Brasil, é muito tradicional. - A educação deve ir além da sala de aula. - Aulas práticas e mais vivências lúdicas e profissionalizantes.

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

O Quadro 2 mostra as singularidades de cada grupo nas categorias de assuntos aplicados. Em relação aos conhecimentos de empreendedorismo o grupo A, se sente menos otimista sobre as políticas de incentivos ao empreendedorismo, reconhecimento da sociedade e disponibilidade de recursos financeiros. Entretanto, o grupo B reconhece, como dificuldades do empreendedorismo, os complexos processos considerados burocráticos, excessiva carga tributária e a falta de ideia de negócio. Mas, os entrevistados do grupo B se sentem mais otimistas sobre o futuro do empreendedorismo no país para os próximos anos.

Na perspectiva dos saberes, o grupo A teve um maior aproveitamento das práticas aprendidas no programa Miniempresa. Relataram, ainda, que tiveram as oportunidades de até então trabalhar em atividades desconhecidas por eles, principalmente o trabalho em equipe. Percebe-se, através das respostas que tais práticas promovidas pelo programa tende a influenciar suas carreiras profissionais. No entanto, o grupo B não teve o mesmo aproveitamento e provavelmente não adquiriu os mesmos conhecimentos. Pode-se deduzir que quanto mais tempo passa após a participação do programa, os jovens percebem que tais conhecimentos não são tão importantes para suas carreiras. Isso deve ser melhor investigado, não generalizado e não perder de vista que trata-se de uma experiência por eles vivenciada, provavelmente dissociada de um aprendizado teórico, que ajudasse a construir o sentido das vivências, por exemplo.

Já no aspecto da pedagogia empreendedora, ambos os grupos anseiam por mudanças em relação ao modelo de ensino no Brasil. Acreditam na interdisciplinariedade e nas atividades extracurriculares, demandam por aplicações práticas e, desde cedo, o convívio com profissionais e empresas. Tais apontamentos refletem na dificuldade contemporâneas de as escolas tornarem-se atraentes aos alunos, sabendo relacionar os conceitos com algo que traga sentido a eles. Por outro lado, apenas reforçar a prática nos parece esvaziar a escola de sentido, já que “transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador” (FREIRE, 2010, p. 33).

3.1 A vantagens e os desafios do Empreender

Observou-se que o grupo A é menos otimista em relação ao empreendedorismo no país do que o grupo B. O grupo A não se sente confortável em começar um negócio e nem a previsão para tanto nos próximos anos. Para o grupo B, existe a possibilidade de

empreender, mas falta uma ideia de negócio ou os conhecimentos necessários para começar um empreendimento.

Me falta uma ideia. Eu sou novo, relativamente novo eu tenho 23 anos ainda, mas eu posso garantir que ainda eu procuro no meu dia a dia a encontrar esta coisa que me faça acreditar e empreender nela. E assim que eu encontrar, com certeza eu vou correr atrás (B1).

Nota-se que, para o grupo B, recursos financeiros não são prioridades para começar um negócio. Talvez pela experiência ou por estarem já inseridos no mercado de trabalho, e, portanto, já se sentem mais confortáveis financeiramente.

Eu tive uma ideia, algum tempo atrás, mas eu não sou uma pessoa empreendedora. Mesmo se tivesse todo o conhecimento do mundo eu não iria empreender, mas eu vi que Sebrae poderia me ajudar muito. Eu recebi muito, mandaram muito subsídio assim, pra que eu pudesse estudar a área que eu estava afim (B2).

Em relação às dificuldades de se empreender, o grupo A considera que o principal impeditivo para a iniciação de um negócio são os recursos financeiros e a questão do preconceito perante a sociedade. Corroborando com tal análise, destacam-se as falas: “Dinheiro. Dinheiro pra começar o negócio né. Porque sem dinheiro, não se começa nada” (A2) e “Dinheiro! Incentivo ou alguém que me patrocine” (A3). E, finalmente: “no Brasil tem muito preconceito com estas atividades mais da arte e, acho que o que mais dificulta no Brasil é o reconhecimento. Tu precisa ter uma coisa muito espetacular, uma coisa muito grande pra ser reconhecido” (A1).

Para o grupo B, as dificuldades de se empreender no Brasil envolvem processos burocráticos, custos operacionais elevados, mão de obra pouco qualificada e a falta de políticas de incentivos pelo governo.

Além de tu ter um governo que não busca dar incentivo pro empresário, também tem uma mão de obra pouco qualificada que acaba dificultando que tu consiga achar os profissionais certos para que tu consiga realizar certas tarefas específicas, ou coisas mais específicas e que tu precise de funcionários que tenha uma capacidade ou um conhecimento maior. E tu tem que acabar comprando sempre de fora e mais uma vez que as taxas que o governo impõe, tu acaba pagando muito caro. Então acaba ficando difícil de tu empreender aqui, de tu ter um negócio (B3).

No sentido das vantagens de se empreender, o grupo A acredita que o empreendedor possui mais liberdade para realizar um trabalho que goste, possibilitando expressar toda sua criatividade em seus projetos. Segundo uma narrativa: “Tu é livre pra fazer o que quiser, é livre pra fazer o que é certo. Tu entra e sai a hora que quiser” (A2)

e ainda “*as pessoas, os brasileiros são muitos criativos, sei lá... eu tenho essa questão de muito respeito com as pessoas e suas ideias, mas infelizmente estas pessoas não têm oportunidades* (A3).

Utilizando de tais criatividades da população brasileira, pode-se associar esta vantagem, citado pelo entrevistado A3, aos objetivos do empreendedorismo de Sertek (2012, p. 93), que diz que “o empreendedor tem uma missão bem definida, que é de converter, utilizando de sua criatividade, as necessidades de tipo social em oportunidades para gerar serviços e produtos que criem riqueza e agreguem valor para a sociedade”. Mas para isso, deve-se ser inventivo e inovador em suas propostas de trabalho.

Já o grupo B considera que as vantagens estão relacionadas com oportunidades de as pessoas criarem coisas novas, de fazerem as coisas de maneira diferente, principalmente em momentos de crise e de realizar uma atividade que lhe propicie prazer e satisfação.

Eu acredito que a gente tem um solo muito fértil, para determinadas áreas pode ser uma vantagem. A gente tem muito espaço para construir, indústrias, pode ampliar teu negócio. E sem falar que é importante constatar que salientar que temos um mercado aqui muito grande, o Brasil é um país muito grande. E tem o Mercosul que consegue vender teu produto aqui mesmo né (B1).

De acordo com o entrevistado B2, mesmo em momentos de crise que surgem excelentes oportunidades e as melhores ideias. De acordo com Tidd e Bessant (2015) a inovação não é apenas criar a abertura de novos mercados, mas, também, é a criação de novos métodos para mercados já estabelecidos e maduros. O entrevistado, destaca, ainda, alguns exemplos curiosos e criativos, que estão tendo sucesso e reinventando os mercados já existentes.

3.2 Saberes associados ao trabalho para além do profissional

Em relação aos saberes adquiridos no trabalho, o grupo A acredita que a participação no programa Miniempresa da Junior Achievement, foi de grande importância para a suas vidas profissionais e certamente farão a diferença em suas carreiras no futuro. Além de impactar significativamente em suas vidas profissionais, o grupo A relatou que os principais aprendizados do programa foram o trabalho em equipe e algumas noções operacionais presentes nas rotinas das empresas.

Eu aprendi muitas coisas. Por exemplo, meus colegas que nunca fizeram não tem a menor ideia de como funciona sabe? Então tipo assim, eu escolhi fazer design de produtos agora, e eu sei que um ano da minha vida eu vou ter que decidir se vou abrir um negócio pra minha vida ou não. Então tipo assim, alguma coisa eu vou entender, o trabalho de abrir, como começar. Claro que não vou saber tudo, né! Mas alguma coisa... já tem uma sementinha né?! (A1).

Além de apresentar novos conhecimentos, as práticas possibilitam, ao aluno, ter a oportunidades de se relacionar com outros grupos sociais dos quais nunca tiveram contato. As trocas de experiências propiciaram conhecer novas perspectivas e outros pontos de vista. Podem-se associar as tais competências adquiridas com o trabalho associado, cujo suas características são de um de trabalho em parceria, colaboração e o crescimento em conjunto. Segundo entrevistada: “*achei muito interessante porque eu tive oportunidade de ter contato com pessoas da escola, em geral, que eu não conhecia e pessoas de fora que falavam de economia, produção e de recursos humanos estas coisas assim do tipo*” (A2).

Já para o grupo B a participação não foi tão impactante ao ponto de mudar suas vidas significativamente, muito menos no aspecto profissional.

Não! Acho que não interferiu. Eu acho que... pode ter me dado algum insight sobre alguma coisa dentro da minha vida. Entendeu? Então, não necessariamente... hã ah! Estou tirando isso da Junior. Mas pode ter sido que veio de lá. Porque foi lá que devo ter pegado alguma coisa né. Mas acho que ajuda pra vida. E quando a pessoa pode querer empreender, aquele conhecimento adquirido da Junior, talvez não tenha como... (B2).

Entretanto, consideram que todo conhecimento adquirido é válido e pode ser aproveitado para algo posterior, tanto na vida pessoal ou profissional.

O programa me ajudou pra além de ter uma possibilidade de ter um empreendimento, de como se é ter um produto, de como se é ter uma empresa, tu passa a tornar que tudo isso é possível. Mas tudo isso me ajudou a ser mais organizado em termos vida pessoal, tratar ela como negócio e tentar otimizar e fazer além do teu tempo, do teu dinheiro, todo os seus recursos com uma fluidez e processos de produção mais enxutos possível e que te dê mais resultados, até que te dê mais competitividade melhor no mercado (B1).

A participação no programa permitiu-lhes uma experiência em relação aos conhecimentos de organização financeira e otimização das tarefas pessoais. Contudo, para o grupo A, um dos principais legados do programa foi o amadurecimento ou a desenvoltura adquirida, após as suas participações. Confirma-se com a citação do

entrevistado em relação aos impactos do programa em sua vida: “*Tu começa ter uma base do que vai ver no futuro e isso te coloca num caminho diferente*” (A2).

Outro aspecto interessante é o aprendizado adquirido em relação ao contato com outras pessoas e o trabalho em equipe. Os participantes do grupo A relataram esta competência desenvolvida.

Eu era mais tímida, não falava muito com as pessoas. Se uma coisa que me incomodava assim com os amigos eu não conversava, aí eu na Miniempresa eu tive que falar estas coisas assim. Hoje, eu analiso mais as pessoas antes de conversar com elas. E em relação à economia, a gente começa a pesquisar mais e mais sobre estas coisas. Quando eu fiz achei muito legal porque eu tive contato com pessoas da escola em geral que eu não conhecia e pessoas de fora que falavam de economia de recursos humanos estas coisas assim (A2).

Além de possibilitar o convívio com outras pessoas, as práticas podem mostrar novas modalidades de carreiras, principalmente para um público com poucas oportunidades.

Eu era a típica adolescente que não pensava em nada, não pensava em dinheiro, mas já pensava em fazer faculdade. Nunca tive um sonho assim ah! Vou abrir uma empresa. Mesmo que meus pais já tivessem uma empresa. Mas eu nunca pensei nisto. Eu sempre pensei em estudar e trabalhar numa empresa, e qualquer que fosse, né? Até queria ser publicitária, e eu acho que a Junior (Achievement) mostra pra todo mundo, principalmente nas escolas públicas, que existe uma possibilidade fora do proletariado né? Então tu pode seguir em frente em alguma coisa. Então era isso, eu a típica adolescente que não pensa em nada assim (A3).

Nota-se, portanto, a importância de tais práticas para o amadurecimento do indivíduo em relação a ações sociais de transformação dos antigos modelos de mundo. O saber adquirido, segundo eles, não auxilia somente na vida profissional, mas afeta, no relacionamento interpessoal do sujeito. Contudo, ambos não é unânime as benesses do programa de aprendizado. Isso talvez sinaliza problemas oriundos do próprio projeto, como ainda podem indicar que nem todo estudante poderá se identificar com esta trajetória profissional, despertando, por vezes, para outros espaços distintos de trabalho.

3.3 Pedagogia Empreendedora: uma proposta de debate

Todos os participantes entrevistados foram unânimes em apontar que há necessidades de se repensar o formato de educação no Brasil. Eles salientam que esta observação não é lançada no sentido de mudar radicalmente o sistema de ensino, mas de

acrescentar novos métodos relacionando a prática com a teoria desenvolvida em sala de aula. O grupo B pode ser considerado mais exigente, sob ponto de vista da educação, do que o grupo A. Os entrevistados do grupo B observam o ensino brasileiro é extremamente tradicional e ultrapassado no sentido das aplicações dos conteúdos e relatam a necessidade de mais debates e trocas de ideias dentro de sala de aula, ao invés de uma transmissão robótica de conteúdo por parte do professor.

Eu acredito que a maneira de como se dá a matéria de professor que... desculpe o termo ... cuspir a matéria pros alunos e o aluno tentar absorver a matéria, não é a maneira de aprender. Eu acredito que o aluno, primeiro teria que ter um contato, é que talvez falte maturidade, mas talvez dar uma lida na matéria pra aula não ser muito expositiva e ser mais um debate. Para o aluno poder confrontar o professor e não somente tirar dúvidas, mas talvez de discutir a matéria. Está é uma maneira de absorver melhor, não só tu decorar a matéria, mas de criar um raciocínio acerca do conteúdo (B1).

Neste sentido, Oliveira (2010), destaca que o papel do professor pode ser visto como o de um facilitador, um questionador, um apoiador, isto é, alguém que alguém que através de perguntas, desafios, questionamentos, fornece o apoio necessário para que o estudante, diante dos desafios cognitivos, desenvolva uma ação autônoma em seu processo de busca de conhecimentos. Não somente nas séries iniciais, mas, também, no ensino médio e superior às metodologias devem ser revistas. Além disto, os entrevistados sugerem que o conhecimento deve sair da sala de aula e romper barreiras extraclasse. Para tanto, acreditam em aulas práticas, atividades lúdicas e atividades profissionalizantes.

Eu acho que a gente tem muito que aprender e acho que é necessária uma mudança na maneira como é dado o ensino. Também, os professores, principalmente nas escolas públicas, faltam incentivos, é uma classe muito desvalorizada e as vezes acaba que os alunos, muitas vezes por falta de estrutura e profissionais desqualificados, acabam que largados a própria sorte né!? Eu tive uma experiência na Austrália e lá eles levam muito a sério a educação, com uma boa estrutura, computadores, microscópios e... toda a infraestrutura adequada pra desenvolver um trabalho. Também têm disciplinas extraclasse como carpintaria, informática, enfim (B3).

Já para o grupo A, deveriam acrescentar aulas de teatro, gestão financeira e música, ou seja, algo mais voltado para as artes e economia. Para os pesquisados o ensino não deveria se resumir apenas à preparação para o vestibular.

Acho que não tem que ser aquela coisa focada apenas para o vestibular, como é hoje né? Que é a coisa mais importante para tua vida né? Acho que o currículo das escolas tem que mudar, com certeza. Acho que, bah! Sei lá, muito antigo, muito nada a ver assim. Deveríamos ter aula de música, aula de teatro, aula de canto e dança (A1).

Contudo, ambos os grupos são unânimes em relação às mudanças no ensino e ao acréscimo de novas disciplinas, logo, compartilham dos mesmos desejos e necessidades. Percebe-se que na visão dos alunos, a escola ainda é muito tradicional em seu método de trabalho, e requer atualizações. Esta percepção vai ao encontro com a ideia de Oliveira (2010, p. 57) que diz:

Na escola convencional, os conteúdos são tratados como verdades definitivas, destinadas a transmitir a quem os adquire a sensação de segurança e a quem os propaga, a aparência de autoridade. No entanto, no campo do empreendedorismo, a incerteza substitui a suposta verdade como componente estrutural e, por essa razão, pela necessidade de trilhar caminhos nunca trilhados, a educação empreendedora deve desenvolver a autoestima e valorizar o potencial de persistência dos alunos diante de resultados não esperados, diante do erro e do que os outros consideram fracasso.

Não obstante, Guimarães (2002) apresenta como uma prática que estimula a desenvoltura e a capacidade de improvisação do indivíduo, a oferta de disciplinas de cunhos artísticos, na preparação de futuros administradores. Nota-se, portanto, a necessidade, tanto por parte dos alunos quanto pelos autores, de mudanças e da criação de uma educação empreendedora, artística e crítica nas escolas.

Considerações Finais

Diante dos conteúdos recolhidos e das análises apresentadas, percebe-se que os programas voltados para o ensino do empreendedorismo, podem em alguns casos respaldar o interesse do indivíduo a ingressar ao universo do empreendedorismo. Para tal, sugerem-se a criação de políticas de incentivos por parte do governo a fim de facilitar que programas de aprendizagem que envolvam, não só o empreendedorismo, mas também as artes, a prática de esportes, o debate político e econômico seja fomentado em conjunto com a teoria, especialmente em horários extraclasse.

Além disto, sugere-se o aprofundamento de políticas públicas no sentido da valorização dos que querem empreendedor, especialmente em se tratando de populações com vulnerabilidade social. Isso deve incluir tanto treinamentos técnicos como a consignação de crédito aos trabalhadores para o início das atividades. Sugere-se a criação de centros municipais voltados para a educação empreendedora local, no qual, podem-se identificar quais as demandas, as oportunidades e os recursos disponíveis para aquela comunidade. O empreendedor poderá desenvolver noções de tributação, gestão de

estoque, gestão de pessoas, gestão de demanda e precificação. Ou seja, o básico necessário para iniciar um negócio e se manter pelos próximos anos. Além disto, este centro pode estimular o compartilhamento de práticas entre os empreendedores e promover feiras e eventos para o desenvolvimento econômico e social local.

Já no âmbito escolar, destaca-se a ausência de departamentos de música, teatro, dança e outras atividades artísticas em cada escola, a fim de desenvolver a capacidade criativa e de improviso dos alunos. Nota-se a necessidade urgente da aplicabilidade de atividades interdisciplinares em séries iniciais, e, portanto, uma demanda, talvez, de transformação no ensino escolar brasileiro, com o incentivo a jovens na busca por soluções coletivas aos problemas da sua comunidade.

De modo geral, a pesquisa aponta para a contribuição do Programa Miniempresa da Junior Achievement, principalmente em escolas públicas mais afastadas dos grandes centros. Contudo, cabe destacar que o discurso neoliberal atrelado com frequência a esta prática pode acabar transfigurando o sentido do projeto, fortalecendo não a geração consciente de renda com vistas a projetos associativos, mas a consolidação precoce de um administrador técnico que estará a serviço do capital. Ainda, deve-se salientar que, apesar dos benefícios apontados nestes programas, as práticas não podem surgir em separado das teorias, já que incorreria em uma prática motivada unicamente pelo senso comum, ou seja, guiada por modismos e demais falácias gerencialistas.

Por fim, destaca-se o cuidado que tais projetos devem ter ao alcançarem o tênue limite em que a prática produz uma deturpação da noção de ‘escola’ e da ‘infância ou adolescência’. Ou seja, as escolas ainda devem ser o reduto do aprender pelo aprender, desprovido da lógica do retorno inerente ao mercado de trabalho, preservando as crianças e jovens ao direito do brincar. Assim, se a inobservância das noções do empreendedorismo aos jovens podem fadá-los ao abarrotado e precarizado mercado de trabalho, o excesso destas informações pode nos fazer voltar os ‘pequenos adultos’ da idade média, já descritos por Aries (1987).

Embora o presente estudo tenha sido limitado no sentido de analisar a relação do empreendedorismo com a construção dos saberes ao trabalho, entende-se que os questionamentos sobre o papel da escola devem avançar no que quis respeito ao compromisso crítico da educação, considerando ter um diálogo mais íntimo com as artes, com a política e com os esportes, por exemplo. Ainda, entende-se que a contribuição que a admiração de empresas pode dar a educação de base não se restringe a programa de geração de renda, mas que também pode contribuir com debates ou projetos que

provoquem questionamentos sobre economia, diversidade cultural e social, especificidades da realidade brasileira, etc.

Referências

ARIES, Philippe et al. **El niño y la vida familiar en el Antiguo Régimen**. Madrid: Taurus, 1987.

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BITTAR, Fernando Shigueo Omoto; BASTOS, Livia Tiemi; MOREIRA, Vivian Lemes. Reflexões sobre o empreendedor: uma análise sob a perspectiva da economia das organizações. **Revista de Administração da UFSM**, v. 7, n. 1, p. 65-80, 2014.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto contexto enferm**, v. 15, n. 4, p. 679-84, 2006.

CHAVES, Rosário Rito; PARENTE, Cristina. O empreendedorismo na escola e o paradigma das competências: o caso da Junior Achievement - Portugal. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 67, p. 65-84, 2011.

DE PAULA, Roberta Manfron; DE ALMEIDA, Flávia Larissa Bandeira Guedes. O Intraempreendedorismo como ferramenta para o crescimento e a competitividade das organizações. In: ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, XII.; ENCONTRO LATINO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO, VIII., **Anais...** Vale do Paraíba, 2015.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

D'IPOLITTO, Claudio. Jogos de Negócio e Educação Empreendedora. **Sistemas & Gestão**, Rio de Janeiro, n. 7, p. 192-204, 2012.

DOLABELA, Fernando. **Oficina do empreendedor: a metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

_____. **Pedagogia Empreendedora: o ensino de empreendedorismo na educação básica, voltado para o desenvolvimento social sustentável**. São Paulo: Editora de Cultura, 2003.

_____.; FILION, Louis Jacques. Fazendo revolução no Brasil: a introdução da pedagogia empreendedora nos estágios iniciais da educação. **REGPE-Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 2, n. 3, página inicial-final, 2013.

EASTERBY-SMITH, Mark, BURGOYNE, Jonh; ARAUJO, Luis (Org).

Organizational learning and the learning organization: developments in theory and practice. London: Sage, 1999.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLORES, Danusa Cunha; HOELTGEBAUM, Marianne; SILVEIRA, Amelia. O ensino do empreendedorismo nos cursos de pós-graduação em administração no Brasil. **Revista de Negócios**, v. 13, n. 2, p. 93-104, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. (Série Educação a Distância).

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GUIMARÃES, Liliane de Oliveira. **A experiência universitária norte-americana na formação de empreendedores:** contribuições das universidades de Saint Louis, Indiana e Babson College. 2002. 313 p. Tese (Doutorado em Administração) - EAESP/FGV, São Paulo, 2002.

HENRIQUE, Daniel Christian; DA CUNHA, Sieglinde Kindl. Práticas didático-pedagógicas no ensino de empreendedorismo em cursos de graduação e pós-graduação nacionais e internacionais. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 9, n. 5, 2008.

JABRASIL. **Programas**. Disponível em: <<http://www.jabrasil.org.br/jars/programas>>. Acesso em: 3 jun. 2018.

LOPES, Rose Mary Almeida. **Educação empreendedora:** conceitos, modelos e práticas. São Paulo: Elsevier, 2010.

MINTZBERG, Henry; AHLSTRAND, Bruce; LAMPEL, Joseph. **Safári da estratégia**. Porto Alegre: Bookman Editora, 2000.

GEM. Global Entrepreneurship Monitor. GEM, 2015/2016.

NETO, Alípio Ramos Veiga et al. A Relação Entre Orientação Para o Mercado e Comportamento Inovador em Micro e Pequenas Empresas de Varejo Alimentar. **Connexio**, v. 4, p. 9-26, 2014. Edição Especial.

OLIVEIRA, Marco Antonio. Gestão e pedagogia empreendedoras urgem Educador-Empreendedor. **Educação, Cultura e Comunicação**, v. 1, n. 2, p. 55-60, 2010.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração**. São Paulo: Editora Altas, 2009.

SALVAGNI, Julice; VALDUGA, Vander; NODARI, Cristine Hermann. Cooperação como propulsora da inovação em turismo na Região Uva e Vinho do Rio Grande do Sul, Brasil. **Otra Economía**, v. 10, n. 19, p. 253-262, 2016.

SARKAR, Soumodip. **Empreendedorismo e inovação**. Lisboa: Escolar Editora, 2007.

SERTEK, Paulo. **Empreendedorismo**. Curitiba: Editora Ibex, 2012.

SCHOLZ, Robinson Henrique; VERONESE, Marília. Liderança na economia solidária: o caso da cooperativa metalúrgica Cooperei. **Economia Solidária e Ação Cooperativa**, v. 2, n. 2, p. 1-10, 2007.

SOUZA, Silvana Aparecida. A introdução do empreendedorismo na educação brasileira: primeiras considerações. **Educação & Linguagem**, v. 15, n. 26, p. 77-94, 2012.

TIDD, Joe; BESSANT, Joe. **Gestão da inovação-5**. Porto Alegre: Bookman Editora, 2015.

TIRIBA, Lia. Cultura do trabalho, autogestão e formação de trabalhadores associados na produção: questões de pesquisa. **Perspectiva**, v. 26, n. 1, p. 69-94, 2008.

_____. Educação popular e pedagogia (s) da produção associada. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 27, n. 71, p. 85-98, 2007.